

BRUBAKER/ 1980 (As Grades do Inferno)

Um filme de STUART ROSENBERG

Realização: Stuart Rosenberg / **Argumento:** W. D. Richter e Arthur A. Ross a partir do livro “Accomplices To the Crime: The Arkansas Prison Scandal” de Thomas O. Murton e Joe Hyams / **Director de Fotografia:** Bruno Nuytten / **Música:** Lalo Schifrin / **Montagem:** Robert Brown / **Direcção Artística:** J. Michael Riva / **Interpretação:** Robert Redford (Henry Brubaker), Yaphet Kotto (Richard Coombes), Jane Alexander (Lillian Gray), Murray Hamilton (John Deach), David Keith (Larry Lee Bullen), Matt Clark (Roy Purcell), Tim McIntire (Huey Rauch), Everett McGill (Eddie Caldwell), Morgan Freeman (Walter), etc

Produção: Ron Silverman para a 20th Century Fox / **Cópia:** em 35 mm da Cinemateca Portuguesa, cores, legendada em português/ **Duração:** 126 minutos/ **Estreia Mundial:** Estados Unidos, 20 de Junho 1980 / **Estreia em Portugal:** Cinemas Rivoli (Porto) 18 de Novembro de 1980.

Aquando da primeira exibição deste filme na Cinemateca, em Março de 2010, escrevi:

“Estranhamente – ou talvez não – a sessão de hoje marca a estreia de Stuart Rosenberg nesta casa. Com efeito nunca por cá passaram nenhum dos seus filmes, incluindo o seu mais celebrado êxito, o muito badalado COOL HAND LUKE com Paul Newman.”

De então para cá, nestes 15 anos, só mais três (entre os quais não consta COOL HAND LUKE) tiveram essa honra.

Stuart Rosenberg (1927-2007), um nova-iorquino de gema, começou a sua carreira de realizador, no final dos anos cinquenta na televisão, onde realizou inúmeros episódios para várias das mais emblemáticas séries dos anos sessenta: Hitchcock Presents, The Untouchables, Twilight Zone, Naked City, etc, etc.

Exceptuando duas tentativas (e uma delas abortada, já que não foi ele a terminar o filme) esporádicas em 1960 e 1961, o salto para do pequeno para o grande ecrã só foi dado em 1967, precisamente com COOL HAND LUKE.

De então e até 1991 – ano em que realizou o seu último filme – Rosenberg assinou um total de catorze longas-metragens, das quais pelo menos metade não reza (e suspeito bem que não venha nunca a rezar) a história.

Com BRUBAKER, Rosenberg regressa, 13 anos depois de COOL HAND LUKE, ao género (entre aspas) do filme sobre prisões, que tão boa reputação lhe tinha granjeado.

Novamente uma vedeta masculina, Robert Redford, de peso e com um peso e protagonismo eventualmente excessivo no próprio filme (é curioso notar que em ambos os casos o nome protagonista está no título do filme); novamente um universo predominantemente masculino.

Mas agora o “herói” já não é um prisioneiro, mas sim o director da prisão (ainda que durante praticamente a primeira hora se faça passar por tal), um reformador liberal incorrupto e de uma integridade a toda a prova nos seus princípios e ideais. Isto é um ser perfeito.

E BRUBAKER é sobretudo (e tão só) isso: uma denúncia bem intencionada e muitíssimo bem estruturada sobre o sistema prisional americano, o seu despotismo e a corrupção que lhe é inerente. Denúncia essa feita não só através de um discurso político (que aliás, inteligentemente, foi reduzido ao mínimo indispensável), mas sobretudo pela componente visual do filme e pela caracterização e função de cada personagem.

E nesse aspecto o filme é relativamente eficaz. Sem rasgos de *mise-en-scène*, já que o maior *handicap* de Rosenberg será porventura o facto de – à boa maneira da escola de televisão – jogar sempre pelo seguro, utilizando uma linguagem e uma gramática cinematográfica já mais que vista e revista, nunca tentando sequer insinuar um laivo de cunho pessoal, o filme não arrisca nada que possa comprometer essa eficácia.

A narrativa é linear, durante grande parte do tempo contida, para “explodir” apenas em dois ou três momentos chave. As personagens são todas criteriosamente tipificadas, para que não possa haver confusões na cabeça do espectador.

Para essa eficácia se materializar, para além de excelente e meticuloso trabalho cenográfico, em que muito contribuiu o excelente leque de actores – bem numeroso, por sinal - escolhido para interpretar as personagens secundárias.

Destaque, para Morgan Freeman, aqui em começo de uma brilhante carreira, num papel de apenas uma só sequência, mas já bem demonstrativa e elucidativa das suas capacidades.

João Pedro Bénard